

Espaços, representações e formas de observar a herança dos povos imigrantes

Apresentação do dossiê

Memória do imigrante: patrimônio, identidade e novos locais de representação urbana

Tradução: **André Figueiredo Rodrigues**

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, São Paulo, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0001-9286-089X>

Jenny González-Muñoz

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Universidad Pedagógica Experimental Libertador, Caracas, Venezuela

 <https://orcid.org/0000-0002-8480-991X>

E-mail: jenny66m@gmail.com

Noemí Frías Durán

Universidad Pedagógica Experimental Libertador, Caracas, Venezuela

 <https://orcid.org/0000-0001-8049-8176>

E-mail: frias.noemi@gmail.com

O dossiê que apresentamos está escrito em várias mãos, criando assim um entrelaçamento de concepções, interpretações e perspectivas sobre o tema da imigração, que nos últimos anos aumentou devido a várias causas políticas, sociais, econômicas e até culturais, apesar de ser uma situação historicamente realizada por diferentes grupos humanos. A partir dessa construção coletiva, intitulamos o dossiê *Memória do imigrante: patrimônio, identidade e novos locais de representação urbana*, como uma proposta de publicação que visa proporcionar ao público leitor diferentes perspectivas sobre os processos migratórios da chamada América Latina, especificamente no campo dos estudos sobre o Patrimônio Cultural, tanto Material quanto Imaterial, em um volume bilíngue, ao reunir artigos em espanhol e em português, emanados de fontes de pesquisa acadêmica de profissionais da área localizados em diferentes pontos geográfico-culturais do sul continental, principalmente Venezuela e Brasil.

Ao longo dos processos culturais desse “Continente em expansão”, apropriado da voz indígena karibe-kuna, referindo-se ao que chamamos de América Latina, foi desenvolvido uma série de construções culturais realimentadas a partir

de memórias coletivas como aquelas compartilhadas por membros do mesmo grupo social (HALBWACHS, 1976) e redesignadas naquelas que sustentam a memória social, aceitas como memória comum do grupo (CANDAU, 2012), possibilitando uma nova configuração de narrativas e identidades, inventadas e restabelecidas (HOBSBAWM, 1997; HALL, 2015) ao longo do tempo, porque a história não se concentra apenas em eventos passados, mas também se baseia no contemporâneo, daí seu caráter dinâmico. Como afirmam Oroza Busutil e Puente Márquez (2017, p. 11), “as migrações inevitavelmente levam a uma maior diversidade étnica e cultural nos países, transformando identidades e obscurecendo as fronteiras tradicionais”, dita contribuição também se estabelece em espaços públicos, o que torna mais visível a presença daquela alteridade de que Todorov (2003) fala e, portanto, a obrigação social de respeitar o “diferente” étnica e culturalmente falando.

Ao longo deste panorama, observamos que na ausência de locais criados para realizar cerimônias religiosas, eventos culturais, ritualizações, festividades tradicionais, típicas de grupos de imigrantes, eles precisam se apropriar de espaços alternativos para tornar possíveis as manifestações da cultura imaterial, de modo que, especialmente nas cidades, grupos de diferentes partes do mundo estão formando novos sistemas memoriais (NORA, 1984), transformando espaços públicos como praças e ruas em lugares antropológicos (AUGÉ, 1993), possibilitando a representação de manifestações culturais produzidas e transplantadas por esses grupos.

Apresentamos, então, diante de vocês, querido público leitor, uma série de artigos interessantes sobre memória, arte, cultura e imigração, com a firme intenção de abrir caminhos para a reflexão e observação hermenêutica do desenvolvimento dessa nova maneira de produzir ou reproduzir aspectos da cultura daqueles que estão na condição de imigrantes em Nossa América (MARTÍ, 2005).

Os artigos deste dossiê oferecem uma ampla jornada iniciada com o trabalho “Con la casa a costas...” [= “Com a casa às costas...”], onde María del Carmen Sánchez explica que “os fenômenos migratórios não são novos, são os processos que, desde o início social do grupo humano, têm criado e definido culturas”. Ali a autora faz um passeio histórico por vários povos nômades que, em seu movimento contínuo, deixaram novas memórias e heranças culturais, formando outros nascimentos desde a memória, que está intimamente relacionada à construção de identidade. A analogia com o caracol é bem refletida na cultura que sempre viaja com quem emigra. Em “Los procesos de inmigración que forjaron la cultura

tradicional venezolana” [= “Os procesos de imigração que forjaram a cultura tradicional venezuelana”], escrito por José Maestre, se analisam os movimentos migratórios que chegaram a Venezuela e a sua relação na conformação de uma nova visão e expressão cultural e artística tradicional. Esta análise é realizada a partir das existências sócio-culturais pré-colombianas e a progressiva incorporação de outras etnias, como as africanas subsarianas, depois as europeias e de outras partes do mundo, experimentando assim impactos em diversas áreas como “a coerção forçada ou por intimidação da religião católica, cristã, romana e apostólica”, entre outras. Interessante é também a incorporação do autor de termos como aculturação e transculturação, ao referir-se a “os processos de transformação do passado com vigência nos dinamismos atuais”.

Marisol Cives Lado, por outro lado, apresenta “Resistencia cultural de la comunidad gallega de Venezuela” [= “Resistência cultural da comunidade galega da Venezuela”], descrevendo “desde a voz dos atores sociais, o processo de construção de significados que emergem do tecido identitário da comunidade binacional-bicultural galego-venezuelana que reside em Caracas”, cidade que, a partir de 1946, recebe os integrantes do referido grupo migratório, que vieram buscar melhores condições de vida, porque haviam fugido do franquismo; que ao se estabelecerem no novo território, iniciaram um processo de reapropriação cultural integrado ao nacional, configurando assim outros grupos e espaços simbólicos.

Henry Vallejo Infante nos apresenta um estudo que reivindica a figura do humano como Patrimônio Cultural Imaterial, localizado através de Alejandro Vargas, conhecido como Juglar de Angostura, músico que o autor investiga desde sua vida e obra no estado de Bolívar, localizado no sul da Venezuela, filho de descendentes de imigrantes que chegaram àquela região do país sul-americano, proveniente fundamentalmente da cidade de Ife (Nigéria), elemento que uniria posteriormente nas suas criações musicais ao ritmo da “Guasa Orinoquense”, com elementos culturais indígenas nacionais, especialmente kariña, constituindo uma nova maneira de sentir e ver o multiculturalismo impresso por Vargas que “na condição de artista autodidata que, apesar da dificuldade de não saber ler ou escrever, usa a música para construir uma narrativa que mostra sua capacidade de admiração nos eventos diários de uma população multicultural e etnodiversa”.

No Brasil, o trabalho de Diego Finder Machado, “Um lugar para recordar a imigração no sul do Brasil: debates políticos e intelectuais na criação do Museu Nacional de Imigração e Colonização em Joinville/SC (1949-1957)”, analisa os

debates políticos e intelectuais que levaram à criação subsequente do referido museu, destacando o desenvolvimento de pesquisas, exposições e atividades educacionais com base na inclusão de narrativas sobre a presença de populações brancas e negras na região da antiga colônia de Dona Francisca (Joinville) antes da chegada de imigrantes alemães e suíços, englobando também a era contemporânea com suas novas imigrações, esta com o objetivo de entender o museu, a partir de suas ações, como um “lugar de fronteiras”, voz da diversidade e “diálogos interculturais”. Por sua vez, João Carlos Tedesco, em “Gemellaggios e transnacionalismo étnico: ritualidades de memória coletiva de italianidades”, analisa os tratamentos da relação étnica entre italianos e brasileiros em relação a seus descendentes nacionais e acordos de cooperação (*gemellaggios*) evidenciados desde os anos 1990 no contexto da globalização econômica, social e cultural sustentada na época. Este artigo fala sobre a “memória da imigração”, a partir de uma perspectiva histórica baseada na experiência do autor em várias províncias da Itália, onde há *gemellaggios* com o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde é mostrada a “visão nostálgica dos descendentes de imigrantes para o passado”, heranças de antigos parentes da configuração de identidades extraídas de ausências e memórias. Arthur Daltin Carrega nos dá “As propagandas imigrantistas do Brasil no século XIX: o caso da Sociedade Central de Imigração”, texto que, a partir do conceito de “propaganda”, apresenta resultado de reflexões mais profundas do segundo capítulo de sua dissertação que trata do boletim da Sociedade Central de Imigração (1883-1891). Nesse sentido, o trabalho desenvolve uma interessante visão da propaganda “imigrante” (que busca atrair o imigrante para o Império português no chamado novo continente) na imprensa da época como um discurso contendo mensagens e informações utilizadas com a finalidade de “transformar as mentalidades” dos públicos dentro e fora do Brasil, em uma tentativa de avançar para uma espécie de modernização de base cultural europeia, importada por seus imigrantes desde uma perspectiva de diálogo intercultural e não de sobreposições não integradoras.

Na última parte do dossiê, destacamos o trabalho das organizadoras. Jenny González Muñoz, no artigo “Mujeres migrantes italianas y andinas: identidades compartidas” [= “Mulheres migrantes italianas e andinas: identidades compartilhadas”], conta a experiência na produção e colaboração de migrantes andinas para a capital da Venezuela, na conformação do projeto de Arte e História, denominado “Gentilícios do Bicentenário”, destinado a tornar visível o papel da

mulher andina que decidiu se mudar para outras latitudes dentro do próprio país, em busca de novas demandas, diante da herança paterna como neta de uma italiana. Dentro dessa experiência pessoal e profissional, o papel da identidade cultural é significativo, enraizado nos costumes e tradições que viajam com a população migrante e imigrante, construindo outras diversidades. Por fim, destacamos o texto de Noemí Frías Durán, intitulado “Inmigrantes europeos y migrantes venezolanos: entramados en la alteridad desde la convivencia. Lo vivido y memoriado en una casa de vecindad” [= “Imigrantes europeus e migrantes venezuelanos: enredados na alteridade desde a convivência. O vivido e memoriado em uma casa de vizinhança”], onde mostra as tradicionais pensões que fizeram parte da paisagem urbana de Caracas, formando uma estrutura cultural que engloba muitas experiências desde as pessoais, individuais, até a experiência de grupo de imigrantes que, de alguma maneira, ajudam a construir outra realidade dentro dos prédios urbanos, realizando uma apropriação espacial que não se concentra apenas na ritualização sagrada, mas naquilo que faz parte da vida cotidiana suburbana.

Não queremos terminar esta breve apresentação sem destacar a imagem que dá vida à capa do nosso volume, de autoria de Daniele Borges, uma extraordinária fotógrafa brasileira que, a partir de sua formação na área de Memória Social e Patrimônio Cultural, da Universidade Federal da Pelotas, imprime outras visões dos aspectos humanos, a partir da própria arte como um processo interdisciplinar.

Memória dos imigrantes: patrimônio, identidade e novos locais de representação urbana, indubitavelmente leva a perceber a projeção da memória como Patrimônio Material e Imaterial, reforçando sua relevância no processo de reconstrução histórica da perspectiva individual com significado coletivo. Do nosso desejo de um mundo verdadeiramente diverso, respeitoso e diversificado, desejamos uma boa leitura.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. *Los ‘no lugares’, espacios del anonimato: una antropología sobre la modernidad*. Barcelona: Gedisa, 1993.

CANDAU, Joel. *Memoria e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Mouton, 1976.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2015.

HOBBSAWM, Eric. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

MARTÍ JOSÉ. *Nuestra América*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2005.

NORA, Pierre (Org.). Entre mémoire et historique: la problématique des lieux. In: *Les lieux de mémoire: la République*. Paris: Gallimard, 1984.

OROZA BUSUTIL, Rebeca; PUENTE MARQUEZ, Yoannis. Migración y comunicación: su relación en el actual mundo globalizado. *Revista Novedades en Población*, La Habana, v. 13, n. 25, p. 10-16, 2017. Disponível em: <http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1817-40782017000100002&lng=es&nrm=ison>.

TODOROV, Tzvetan. *La conquista de América: el problema del otro*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2003.

Jenny González-Muñoz é Professora Visitante na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Atua como investigadora no Centro de Investigaciones Culturales Mariano Picón Salas pelo Instituto Pedagógico de Caracas da Universidad Pedagógica Experimental Libertador (IPC-UPEL). Pós-Doutora (PNPD-CAPES) em História pela Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil. Pós-Doutora em Pedagogia Militar pela Universidad Militar Bolivariana de Venezuela. Doutora em Cultura e Arte para América Latina e do Caribe pela UPEL. Mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas, Brasil (Bolsa CAPES em Demanda Social). Licenciada em Artes pela Universidad Central de Venezuela.

Noemí Frías Durán é Professora e Coordenadora do Doutorado em Cultura e Arte para América Latina e Caribe no Instituto Pedagógico de Caracas da Universidad Pedagógica Experimental Libertador (IPC-UPEL), na Venezuela. Doutora em Cultura e Arte para América Latina e Caribe e Mestra em Ensino de História pela UPEL-IPC. Investigadora e coordenadora do Centro de Investigaciones Culturales Mariano Picón Salas.

Como citar:

GONZÁLEZ-MUÑOZ, Jenny; DURÁN, Noemí Frías. Espaços, representações e formas de observar a herança dos povos imigrantes. Tradução de: André Figueiredo Rodrigues. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 15, n. 2, p. 1-6, jul./dez. 2019. Apresentação do dossiê: *Memória do imigrante: patrimônio, identidade e novos locais de representação urbana*. Disponível em: <pem.assis.unesp.br>.